



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM CIÊNCIAS  
MATEMÁTICA E LINGUAGENS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC**

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO DESPERTAR DE UM OLHAR SENSÍVEL DO PROFESSOR EM  
FORMAÇÃO INICIAL: um relato de experiência na regência de classe.

Discente: Catiúscia do Socorro Walena Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valéria Risuenho Marques

Belém - PA  
2019

CATIÚSCIA DO SOCORRO WALENA OLIVEIRA DOS SANTOS

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO DESPERTAR) DE UM OLHAR SENSÍVEL DO PROFESSOR EM  
FORMAÇÃO INICIAL: um relato de experiência na regência de classe.

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obter o título de Graduado do Curso Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Faculdade de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valéria Risuenho Marques

Belém - PA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
LICENCIATURA INTEGRADA EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E  
LINGUAGENS

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO DESPERTAR DE UM OLHAR SENSÍVEL DO PROFESSOR EM  
FORMAÇÃO INICIAL: um relato de experiência na regência de classe.

**Catiúscia do Socorro Walena Oliveira dos Santos**

Artigo apresentado à Faculdade de Educação Matemática e Científica para obtenção do  
título de Licenciada em Ciências, Matemática e Linguagens.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Valéria Risuenho Marques (Orientadora)

Profa. Dra. Elinete Oliveira Raposo

Profa. MSc Ana Cristina Cristo Vizeu Lima

**CONCEITO FINAL DA BANCA:**

\_\_\_\_\_

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## RESUMO

O trabalho descrito emerge a partir das experiências vividas no estágio supervisionado realizado como um dos temas do curso de Licenciatura Integrada da Universidade Federal do Pará, em uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Este trabalho, além de expor relatos sobre a iniciação à docência de uma aluna em formação, traz ações reflexivas acerca de como agir em certas situações que ocorrem dentro da sala sobre abordagens em diferentes contextos que acontecem na atuação do professor, além de propor uma análise de temáticas, em que é possível potencializar as aulas de regência que são dadas por meio de um olhar sensível dessa futura professora. Observando potencialidades e deslocamentos de atitudes e procedimentos, relatamos a oportunidade de simulações de regência como forma de aprimorar as metodologias que são usadas e aplicadas no estágio, a partir da interdisciplinaridade que o curso disponibiliza para as aulas em vista da BNCC. Conclui-se, que esse trabalho fornece informações e conhecimentos importantíssimos e essenciais para a prática docente dos alunos da licenciatura integrada e de outras licenciaturas que estejam no estágio supervisionado.

Palavras-chave: formação inicial de professores, estágio de docência, prática Interdisciplinar.

## SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	6
II.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
III.	O MOMENTO DA REGÊNCIA	
	a. Reflexões acerca da observação da classe e planejamento das ações.....	12
	b. A aula da professora em formação.....	15
IV.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	
	a. Ruídos ou contribuições? Vozes que emergem da sala de aula.....	20
	b. A importância da regência no estágio supervisionado- POTENCIALIDADES.....	22
	c. Refletindo a minha prática no estágio e na aula regente.....	24
V.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
VI.	REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	27

## I. INTRODUÇÃO

Considerando o Estágio Supervisionado como elemento integrador entre os fundamentos teóricos desenvolvidos nos eixos temáticos e a prática de ensino realizada em Escolas Públicas em parceria com a UFPA, que segundo a Lei nº 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) consolidam a junção teoria e prática na educação básica no Brasil, apresentamos neste trabalho, o relato de experiências vividas no estágio supervisionado realizado como um dos temas do curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagem (LICML) da Universidade Federal do Pará, em uma Escola Pública Municipal de Belém do 1º ao 5º ano.

Reiteramos nessa oportunidade, o compromisso com o que norteia o Sistema Educacional vigente no País ao citar a LDB que com o desafio de programar uma educação acessível e de qualidade a todos os cidadãos brasileiros, cria normativas e leis que tem como objetivo dar corpo a um conjunto de ações, que definem e regulamentam o sistema educacional brasileiro seja ele, público ou privado, e orienta as questões que envolvem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tem o objetivo de garantir aos estudantes o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns – de norte a sul, nas escolas públicas e privadas, urbanas e rurais de todo o país. Dessa forma, espera-se reduzir as desigualdades educacionais existentes no Brasil, nivelando e, o mais importante, elevando a qualidade do ensino.

Ao envolver-me nesse cenário, mais especificamente, o do Estágio de Docência II em uma turma do quarto ano do ensino fundamental, em um momento ímpar do curso, proponho articular os conhecimentos desenvolvidos em um curso inédito, o da LICML, que nos prepara para ações integradas que partem de temas em busca de romper com o ensino tradicional, aos desafios da regência que precisa mediar e respeitar ações observadas em curso no ambiente, nas práticas e nas interações professor-alunos em Escolas que ainda se pautam em conteúdos disciplinares.

Nesse movimento, além de expor relatos sobre a iniciação à docência de uma aluna em formação trago ações reflexivas acerca de como agir em

situações adversas que ocorrem dentro da sala, sobre abordagens em diferentes contextos que acontecem na atuação do professor, além de propor uma análise de temáticas, em que é possível potencializar as aulas de regência que são dadas por meio de um olhar sensível dessa futura professora, observando potencialidades e deslocamentos de atitudes e procedimentos, e a oportunidade de simulações de regência como forma de aprimorar as metodologias que são usadas e aplicadas no estágio.

Nessa perspectiva, seguimos a análise dos registros do vivenciado durante o período de observações e orientações do docente orientador do estágio em parceria com o professor da turma. Como fundamentação, os preceitos da BNCC em relação ao que rege o ensino fundamental – séries iniciais; em Freire (2014) e Fazenda (2003) ao discutir sobre temas e a interdisciplinaridade; e em BARBIE (1998) nas reflexões acerca das questões que envolvem a formação inicial de professores. O resultado que esperamos alcançar se volta para a elaboração de um planejamento integrado adequado ao perfil da turma, que mobilize seus conhecimentos prévios acerca do tema proposto, que os motive a pensar questões pertinentes e elaborar novos conceitos no coletivo.

## II. REFERENCIAL TEÓRICO

Há tempos observamos um movimento de mudanças nos rumos da Educação em nosso país e no mundo. Edgar Morin(2014, p.15) ao afirmar que *uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável*, aponta para os riscos de alienação que corremos em termos humanitários e ambientais e justifica esse momento em vistas de nos adaptarmos a um novo paradigma que tem como primordial o tratamento das informações hoje globalizadas, de forma que o ensino nos prepare para uma melhor compreensão e interpretação dessas complexas informações e suas constantes e rápidas atualizações.

Para tanto, é preciso definir uma concepção do direito à educação, em vista de ser sinônimo de escola e de educação de qualidade para todos (SACRISTÁN, 2001). As modificações sociais que direcionam as demandas por educação são complexas, urgentes, as escolas e os espaços de educação,

passam por um período de ampliação de suas necessidades e com o crescimento das mesmas, existe um movimento de mudanças significativas dentro do ensino fundamental brasileiro, onde se percebe uma homogeneização das práticas docentes, com o intuito de tentar dar conta das necessidades.

Nesse sentido, surge a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tem como seu maior objetivo e desafio, formar estudantes com habilidades, competências e conhecimentos considerados essenciais para o século XXI e os fundamentos que este traz consigo além de, incentivar a modernização dos recursos e das práticas pedagógicas, promove a constante atualização do corpo docente das instituições de ensino.

Entretanto, precisamos refletir sobre algumas características que a BNCC traz; em um país tão diversificado como o Brasil, será que é possível elencar temas que de fato sejam essenciais em detrimento de outros que compõem as vastas regiões do País? Corre-se o risco de uma homogeneização ou fragmentação dos temas? E a interdisciplinaridade? Como seria a atuação deste dispositivo dentro do contexto da BNCC?

Trazemos essa reflexão a partir dos currículos que são elaborados e em como atender as demandas de conteúdos, esses, muitas vezes, não vem planejado na realidade vivencial dos alunos de forma a trazerem um valor social, mas, de acordo com as diretrizes que os órgãos reguladores da educação impõem muitas das vezes de forma velada. É interessante pontuar isso uma vez que alguns assuntos podem ser intencionalmente silenciados e outros selecionados, ou ainda, podem não ser pertinentes a todas as regiões a partir de uma “BASE COMUM”.

Nós somos todos diferentes e a maneira como se reproduzem os seres vivos é programada para que o sejamos. É por isso que o homem teve a necessidade, um dia, de fabricar o conceito de igualdade. Se nós fôssemos todos idênticos, como uma população de bactérias, a ideia de igualdade seria perfeitamente inútil. (FREIRE, 2014, p.135 [1994, p.97])

O interessante é que, com toda urgência em atender as lacunas da educação ainda existem movimentos que defendem a reprodução do ensino



“fragmentado“, no qual as escolas, os currículos escolares, trazem as temáticas que vão ser tratadas de forma isoladas. Um contrassenso, uma vez que a proposta interdisciplinar que é a abordagem metodológica considerada no bojo das novas propostas curriculares, onde os temas se atravessem e possam consolidar os conhecimentos, traz grandes benefícios ao desenvolvimento educacional dos alunos.

De acordo com Galiazim, Garcia & Lindemann (2002), que destacam a valorização do saber que os alunos já possuem no sentido de que esses levam a uma integração com o saber (científico), afirmam que essa articulação permite fazer relações e desenvolver a sua capacidade crítica. Nesse sentido, essa integração que nos encaminha para transformações metodológicas profundas em direção à interdisciplinaridade, justifica-se benéfica tanto para os alunos, quanto aos professores na perspectiva de uma permanente formação. .

Hoje, em nossas orientações legais como a BNCC, a interdisciplinaridade vem como recomendação

Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem (BRASIL, 2017, p.12).

Entretanto, devemos destacar que ainda temos escolas que, mesmo orientadas por documentos oficiais que determinam os andamentos curriculares das mesmas, não adotam essa prática, e acabam por engessar os processos de aprendizagem, pois os mesmos ficam condicionados a predeterminações.

O princípio da interdisciplinaridade, de acordo com Fazenda (1979), nos faz um convite a considerar a integração e as complexidades dos conhecimentos, saberes e habilidades, em vista da excessiva fragmentação e especialização dos saberes em determinadas disciplinas ditas tradicionais. Defende que, a interdisciplinaridade nos permite: combinar, aprofundar, associar, fazer relações dos temas, tendo um olhar atento a cada área do conhecimento, e que seu horizonte interdisciplinar, amplia e potencializa as aprendizagens na medida em que os saberes se conectam e se consolidam.

A perspectiva é que desta forma, a fragmentação dos conteúdos pode vir a ser superada dentro e fora da escola. Assim, Fazenda (1979) nos mostra a interdisciplinaridade como articuladora no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que se produz como ação conjunta de atitudes em sala de aula.

Em seu livro intitulado “O que é Interdisciplinaridade”, Fazenda (2008) propõe definir o termo, refletindo a partir de outros autores: de acordo com Centro de pesquisa e Inovação de Ensino, define-a como interação existente entre duas ou mais disciplinas, portanto, tal definição pode nos encaminhar a simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos-chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino relacionado. Contudo, pela amplitude desta definição, ela não atende a fundamentação de práticas interdisciplinares e nem a formação de um professor interdisciplinar.

Para tentar dar conta do conceito, Fourez (2001), assinala duas formas de compreensão, uma de ordem científica e outra de ordem social: a que abrange a ordem científica, nos encaminha para a construção daquilo que designamos como saberes interdisciplinares, e a estruturação desses saberes tem como base o foco do conhecimento científico da ação de formar professores, a compreensão que seria a social, busca o alongamento dos saberes científicos interdisciplinares às condições sociais, políticas e econômicas, isso traz uma reflexão sobre a separação entre a construção da ciência e as necessidades da sociedade.

Ao defender a interdisciplinaridade na educação, Fazenda (2003) recomenda que a mesma não deva estar atrelada em práticas empíricas, mas se faz necessário que se faça uma reflexão da razão dessa prática histórica e cultural. A partir desse exposto, quando se trata da interdisciplinaridade no âmbito escolar, curricular, pedagógica ou didática, precisa de uma profunda imersão nos conceitos de escola, no que vem a ser currículo ou a didática, é o exercício de estudar profundamente a história desses conceitos, as suas potencialidades e os saberes que serão requeridos ou que requerem de quem a estiver praticando e estudando, o agenciamento de outros conceitos que venham embasar mais profundamente seus estudos.

Quando falamos da interdisciplinaridade no que se refere ao profissional, essa requer competências que serão necessárias às intervenções para um trabalho com êxito. Para tanto, esse depende do conjunto de saberes disciplinares, que podemos citar: Saberes de experiências, saberes técnicos, e saberes teóricos, que interagem de forma harmoniosa e dinâmica, sem linearidade ou hierarquização ou inferiorização (subjugar) os profissionais participantes (BARBIER, 1996; TARDIFF, 1990; GAUTHIER, 1996).

O professor que deseja desempenhar uma prática docente engajada com a interdisciplinaridade, que faça associações e relações com temas, com as vivências dos alunos, em que estes possam fazer uso social desses conhecimentos, vai exigir que busque formações e informações, nas quais adquira a iniciativa de buscar conhecimentos que favorecem a sua prática docente de qualidade.

Em vista de todos os desafios que a educação apresenta, o curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens que a Universidade Federal do Pará oferta, tem o perfil de despertar no aluno em formação um professor pesquisador. Oriundo de um projeto de pesquisa, o Clube de Ciências, e dos estudos e pesquisas do Programa de pós-graduação em educação em ciências e matemática, sob o tripé que rege a UFPA, de Ensino, Pesquisa e Extensão e tem seu quadro de professores composto por várias formações que trabalham integradas.

Esse curso se justifica pelo fato de que assume o desafio de não formar um futuro professor generalista nas séries iniciais e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas em colocar na sociedade um professor que tem os recursos necessários para dar conta das demandas educacionais que os alunos dessa faixa etária e grupo apresentam. Outro diferencial do curso a ser pontuado são as temáticas e não disciplinas.

### **A ESCUTA SENSÍVEL.**

Destacamos nesse contexto e de acordo com (BARBIER, 1998), que as demandas sociais e a visão de uma educação integralizada, devem ser ouvidas

por uma “escuta sensível” para o desenvolvimento futuro e melhoria da educação no estado.

Neste sentido, queremos poder evidenciar o que o curso tem como um de seus principais objetivos, a interlocução entre teoria e prática; entender que a teoria só é satisfatória se for aplicável às realidades que esse professor em formação irá encontrar no contexto das escolas por onde ele irá atuar sejam elas privadas, com a maior estrutura possível e mesmo nessa realidade ele terá que buscar um diferencial, sejam nas escolas públicas com as mais variadas carências de estrutura e de profissionais, ali também ele terá que mostrar a diferença. Temas como: Alfabetização e Letramento; Estudos teóricos e práticos de alfabetização em língua materna; Bases históricas e epistemologia da ciência e da linguagem; Abordagens curriculares para a educação em ciências, matemática e linguagens; Tendência de pesquisa; entre outros, trazem um foco de que o aluno será levado a investigar sobre questões que serão discutidas, ou seja, ele terá que, junto com o professor, ir à busca das repostas.

O curso não é o “salvador” da pátria em relação à educação, contudo ele toma para si a responsabilidade de trazer um profissional que busque fazer a diferença, diante dos(as) alunos(as) que estão/estarão sob sua responsabilidade.

A seguir, desenvolvo o relato de uma experiência prática que culminou com a regência em sala de aula, a partir da oportunidade curricular do Curso de LCML em eixo temático voltado para o Estágio Supervisionado e que acompanha o curso desde o 3º semestre e nos apresenta a vivência da formação inicial do professor em sua prática.

### **III. O MOMENTO DA REGÊNCIA**

#### **a. Reflexões acerca da observação da classe e planejamento das ações**

A partir do exposto, relato minha prática docente da aula de regência do curso Licenciatura Integrada. O tema, Estágio de Docência II, a turma, 4º ano do ensino fundamental, 24 alunos, com idade entre 9 e 11 anos. O planejamento foi elaborado na tentativa de trazer um diferencial, o despertar no aluno(a) para

uma visão mais ampla do ensino além da sala de aula. O foco é estimular no aluno o seu lado investigador, questionador, aquele que não se contenta com as respostas prontas e dadas pelo professor(a). A abordagem metodológica por meio de um ensino transversal e interdisciplinar, visando proporcionar ao aluno a oportunidade dele mesmo, a partir de suas relações e suposições, ir a busca da resposta e assim entender que não existe apenas uma resposta, um modelo.

Não queremos aqui culpar quem é tão desvalorizado no seu ato de ensinar, mas entender a potência e importância deste para o espaço que ele ocupa. Tem uma afirmação de Rubens Alves que diz, o professor ele causa espanto. Esse professor a que se faz referência é o que vai além do que seus alunos esperam, que surpreendam de forma positiva os que em muitas vezes estão desesperançados e esquecidos, “entulhados” em quadrados que nem são perfeitos em sua maioria com mais de trinta, quarenta crianças, a espera que alguém lhe mostre que vale muito a pena estar ali, sentado ouvindo o outro falar.

Eu estou pensando há muito tempo em propor o novo tipo de professor. É um professor que não ensina nada, não é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação não é ensinar coisas, porque as coisas já estão na Internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade (ALVES, 2011).

O professor(a) precisa ter como compromisso principal criar na criança a alegria de pensar e, a partir disso, é que a regência foi planejada.

A abordagem da aula ministrada no estágio teve o ensino de ciências os assuntos Protozoários, Alga, Bactérias e Vírus e foi ministrada a pedido da professora responsável pela turma, a partir disso estudamos a possibilidade de incluirmos temas transversais e o ensino interdisciplinar. O tema abordado, aparentemente com um olhar específico, contudo os abalos, fissuras e deslocamentos educacionais surgem dentro de um espaço que está preso a dogmas da educação que dizemos “formal”. Tal aspecto, faz com que os deslocamentos aconteçam dentro dos espaços preestabelecidos, é o olhar do professor (facilitador) e que de fato, ao tomar a postura de “mediador” e não “detentor” do conhecimento, permite-se aprender muito mais dentro de uma sala de aula do que ele ensina.

Essas singularidades acabam por emergir a partir de uma prática docente que não se vê presa a vencer um planejamento, ou a uma sequência de aulas, mas que tem como objetivo principal o aprendizado dos alunos(as), levando em consideração a particularidade de cada um, as questões que são levantadas por eles mesmos no decorrer das aulas ministradas.

O conhecimento que é aprendido mecanicamente impossibilita o fazer relações e a sua aplicação permanente, bem como o desenvolvimento de novas conexões e novos conhecimentos, a partir disso, o trabalho que foi realizado no estágio veio da observação das aulas ministradas pela professora regente e das necessidades e dificuldades que os alunos apresentavam em determinada temática e de como elas eram supridas.

Quando falamos do uso da interdisciplinaridade, percebemos que esse dispositivo educacional vem ajudar na associação e aquisição de saberes que não estão postos, ou seja, o aluno(a), para entender determinados conteúdos terá que agenciar outros conceitos. Esta foi a perspectiva trabalhada nas duas aulas.

Tendo em vista que era um tema que envolvia vários subtemas, foram criados momentos de busca entre os alunos pelos aprendizados de outras disciplinas como: história, geografia, língua portuguesa que veio emergindo a partir do desenvolvimento da aula e que ficou potencializado nos questionamentos e colocações dos alunos.

No atual momento em que há um grande avanço da globalização, do domínio do homem sobre tecnologias avançadas, da era da robotização, trabalhar isoladamente os conteúdos por disciplinas empobrecem temas que se complementam em outros e o professor em formação, tem que estar atento, o campo de estágio nos proporciona esse olhar.

O objetivo da interdisciplinaridade é, portanto, o de promover a superação da visão restrita de mundo e a compreensão da complexidade da realidade, ao mesmo tempo resgatando a centralidade do homem na realidade e na produção do conhecimento, de modo a permitir ao mesmo tempo uma melhor compreensão da realidade e do homem como ser determinante e determinado (LUCK, 1994, p. 60).

Para a aula na qual planejamos e atuamos na regência, usamos recursos que a própria escola dispunha como a televisão para a reprodução de vídeos e imagens que eram relativas à aula. Os alunos ficaram muito entusiasmados, pois, apesar de na escola haver esse recurso, ele é pouco utilizado. A limitação no uso de recursos áudio visuais e tecnológicos indica aproximação e tendência para uma prática docente voltada ao tradicionalismo.

O ensino tradicional, metodologia única na prática escolar do paradigma moderno, se caracteriza historicamente por considerar o professor como único detentor do saber, e, na maioria das vezes, as outras vozes que emergem da sala de aula não são levadas em consideração. Essa abordagem hoje, por não propiciar o diálogo e a interação entre professor-aluno e aluno-aluno, voltado para a reprodução de conteúdos dificultando a reflexão e a crítica, encontra-se em desuso. Os espaços formais de aprendizagem, no caso as escolas, precisam ser locais onde as práticas democráticas de ensinar e aprender deveriam estar presentes, em que todos os envolvidos nesse processo pudessem ter a oportunidade de aprender, de refletir, questionar, sugerir.

No paradigma pautado na informação, a discussão em torno da construção de conceitos, do considerar os conhecimentos prévios dos alunos como contribuições que vão ajudar na melhoria das aprendizagens, são elementos fundamentais a fim de não comprometer o processo do conhecer, interpretar e aprender o vivido.

#### **b. A aula da professora em formação**

*Eu sei que por algum tempo vou seguir oscilante entre a razão e o desejo. Algumas decisões são tomadas com o coração inquieto e o pensamento tomado por muitas coisas que aconteceram e que acontecem, tudo misturado. Sei também que o tempo vai ser meu amigo para essas coisas da vida. Com coragem eu sigo, nessa velocidade que eu não temo, nem mesmo de ousar ser feliz.*

Fernando Pessoa

Como qualquer profissional em início de carreira, o nervosismo faz parte de qualquer pessoa que vai começar a trilhar uma atividade profissional e o momento da regência traz essa sensação que deve ser canalizada para o desejo de poder vir a atender as demandas daqueles que lhe ouve – seus alunos(as). A

coragem é essencial, é primordial e o medo é também combustível para acender o fogo da CORAGEM.

Iniciamos a aula com algumas perguntas advindas de imagens que eram apresentadas. Os alunos podiam comentar, fazer as relações com o seu dia a dia e isso enriqueceu bastante este momento. É essa potencialidade que queremos destacar, uma aula que foge a dogmática que não está especificada nos planos, mas que surge dentro da própria sala e que traz um impacto significativo não apenas na vida do professor, mas muito mais na vida do aluno.

Os momentos potenciais que queremos destacar observados no estágio e na aula que foi regida, trata daquilo que não está posto e nem planejado, mas que vai surgindo como potência e que o professor deve estar sensível, pois muitos desses momentos encontram-se nas entre linhas e brechas deixadas pelo sistema e que o professor deve apropriar-se. Essas fissuras são os questionamentos que os alunos fazem, as suas relações com o dia a dia, a escuta do professor, a importância que é dada à fala deste aluno, suas afirmações, até mesmo as brincadeiras, pois se isso acontece num espaço formal de educação, é sinal de que o aluno(a) gosta de estar nesse lugar.

#### 1º DIA

Na dinâmica desse primeiro dia, fizemos o recorte de algumas situações dos dias da aula; no primeiro dia as crianças estavam bem eufóricas, pois quando viram a televisão ficavam perguntando se iam assistir filmes, vídeos e eu dizia que tinham outras coisas. Entendemos que essa euforia estava relacionada a perceberem que aquele momento, iria fugir do tradicional.

De acordo com (MIZUKAMI, 1986), as aulas com abordagens puramente tradicionais, conjecturam de que ter inteligência é a capacidade que o homem possui de armazenar informações, sejam elas das mais simples as mais complexas, e por isso que na escola o conhecimento é “acumulativo” e que vem a ser adquirido pela transmissão de conhecimentos a serem realizado apenas pelas instituições escolares. Nesta perspectiva, uma aula que venha a fugir do tradicional, pode até ser vista como uma “não aula”, ou um momento de lazer exclusivamente e não ser vista como um momento de aprendizado também.



Iniciamos a aula fazendo a leitura da história recontada de: “O sapo não lava o pé”, depois perguntamos se já haviam visto bactérias, protozoários, fungos e vírus; a partir destes questionamentos começaram a dizer que não, só se tivessem olho biônico, pois são muito pequenos, mas sabem que existem em coisas ou objetos. Muito interessante essa colocação dos alunos quando dizem que só poderiam ver se tivesse “olho biônico”, aqui se percebe o poder de criatividade e de relação que os alunos conseguem estabelecer em vista aos conhecimentos escolarizados que começam a aprender na sala de aula.

Esta percepção de mundo, na maioria das vezes está ligada ao histórico familiar, ao contexto social, as experiências que elas já trazem em suas vidas. Muitos autores defendem que a criatividade vai ter um maior desenvolvimento diante das condições (sociais e ambientais) que possam ou não favorecer, e que o meio cultural pode vir a ter interferência, mas não é o ponto de origem da mesma (AMABILE, 1989; DE LA TORRE, 2005; RUNCO, 1996). A sensibilidade do professor a essas falas e colocações quando as consideram, atuam como estímulo para que o aluno(a) possam a vir se envolver mais e mais na sala de aula.

Logo após os comentários começamos a mostrar imagens onde os microrganismos podem ser encontrados, havia a imagem de uma boca, em que disse que ali estava cheio de bactérias, o espanto e a surpresa foram gerais, pois eles imaginavam que pelo fato de escovar os dentes, esse tipo de microrganismos não existissem nesse local. A professora regente comentou que gostou, pois disse que não havia falado sobre isso nas aulas.

Uma aluna comentou que quando sua sobrinha nasceu, sua irmã não pegava mais ônibus devido as bactérias, pois tinham medo de algo acontecer com a sua filha. Esta fala nos mostra as relações e os deslocamentos que os alunos fazem, a aluna relacionou o tema com o dia a dia de alguém que está próximo, a partir disso se estabelece um diálogo aberto entre ambas as partes, pois a sensibilidade do professor faz com que o aluno, ao articular o tema com o seu meio social, amplia a possibilidade de que ele aprenda muito melhor os conteúdos específicos. E eu, como futura professora tenho que considerar e estimular essas articulações e concordâncias como orienta Freire:

[...] ela sabe que o diálogo não é apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados, mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe (FREIRE, 1997, p. 59).

O poder de associação por meio das imagens, usadas como um disparador, fez com que percebessem que dentro de suas casas existem os microrganismos e em determinados alimentos que comemos, ficando bem impactados em saber que a iguaria estrogonofe tem fungos comestíveis. Ao dar aos alunos essas informações, usando o dia a dia deles, temos uma aula mais significativa que é veículo para a interação em seu meio social e as potencialidades que o professor deve estar atento são validadas a partir dos feedbacks, as fissuras são feitas, pois o plano de aula norteia a aula, mas não a “solidifica”, este plano deve ser plástico, moldável. Ainda citando Paulo Freire, *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.*

## 2º DIA

Neste dia fizemos uso de vídeos e das imagens, iniciei perguntando: \_ quem havia ido já ao fundo do mar? Um aluno respondeu: \_ eu tia! Ao dar essa resposta os colegas começaram a dizer que ele estava mentindo, mas a complementação da resposta é que foi surpreendente: ele disse que havia ido “pela televisão”. Considerei bem interessante essa colocação dele, pois quando fiz a pergunta expliquei que a pressão no fundo do mar é muito grande e só pessoa treinada e com roupas especiais consegue ir até esse lugar, caso contrário, elas podem não sobreviver. Essa foi a introdução para entrar no assunto: algas, plânctons, fitoplanctons.

Quando este aluno diz que foi ao fundo do mar pela televisão percebemos que ele invoca e agênciia outros saberes, o de fazer associações entre o que é real e o irreal. Nesse sentido, coadunamo-nos as interações sociais que Vygotsky já mencionava em seus estudos.

Primeiro no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (Vigostki. 1998, p.75)

A partir desta fala, expliquei o funcionamento de cada um deles, como se alimentam, sua importância para a vida e logo mostrei doenças causadas pelos protozoários como a malária e o barbeiro; as imagens os chocaram de certa forma (foram imagens selecionadas e que eles podiam ver), pois perceberam a gravidade que essas doenças causam. Na sequência perguntei quem tomava remédio sem ir ao médico e eles disseram que a mãe dá, eles tem que tomar. Falamos sobre a importância de não se medicar sozinhos, pois isso cria bactérias resistentes, neste momento uma aluna disse: \_ Tia, meu vizinho tomava muito remédio sem ir ao médico, ai um dia ele tomou e desmaio, levaram ele ao hospital e ele estava envenenado de remédio, ficou dias internado, tem a ver com o que a senhora está falando.

Percebe-se que a criança faz associação dos assuntos, e consegue direcionar o tema para a área da saúde, dos cuidados em tomar remédio. Outro aluno disse: \_Tia tem gente que “vende remédio e ganha dinheiro”, pois quando eu estava no posto com a mamãe eles chegam lá e passavam na frente, ela fica brava. Mas uma transversalidade que se faz a partir deste tema, a associação em perceber que isso também é negócio.

Ao final colocamos os alunos em duplas para que realizassem uma atividade a fim de consolidarem o tema, eles tinham a opção de escolher fazer poemas, músicas, criar um texto ou desenhar, porém relacionando o que aprenderam.

A seguir destacamos apenas os textos escritos e observamos as possibilidades como um trabalho interdisciplinaridade, uma vez que, ao final, os alunos(as) fizeram produção textual e musical. Neste momento de produção, observamos grande dificuldade na escrita dos mesmos: frases que se iniciam sem letra maiúscula, alguns escrevem como falam mesmo estando no 4º ano, outro tem dificuldade em escrever determinadas palavras, apesar de a turma ler bastante, e foi feito um diagnóstico das maiores dificuldades que observamos e repassamos a professora.

Ressaltamos que a aula era sobre microrganismos, mas foi possível se fazer os deslocamentos e fissuras que devem ocorrer em sala de aula, temas

como: saúde, dinheiro, alimentação, foram abordados transversalmente a partir das falas dos alunos(as) e do que eles mesmos trouxeram para dentro do tema.

Abaixo, apresentamos como exemplos, uma pequena história e um happy construídos pelos alunos ao final da regência.

#### O pé do menino fedido

Toda vez que o menino saia pra brincar ele voltava com muito chule e passou um tempo que começou a dá micose no pé dele e chegou um super herói pra combater as micoses e depois de combater as micoses o menino aprendeu uma lição.

E o nome do super herói era Carlos Salomão e Ronaldo Jr.

Agora ele nunca esquece que toda vez que sair pra brincar ele sempre lava as mãos e os pés que ele volta pra casa.

RAP – ELABORADOS PELOS ALUNOS.

SE LIGA NA MINHA RIMA QUE EU MANDO SEM CAO

CHEGOU O SALMÃO PRA COMBATER O VIRUS E TAMBEM CHEGOU O PARCEIRO RONALDO O MICOSINHA A HORA A GENTE VAI FERVER POR QUE O SALOMÃO É LEGAL JUNTO COM O RONALDO QUE É ESPECIAL.

Textos transcritos literalmente

#### IV. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

##### a. Ruídos ou contribuições?– Vozes que emergem da sala de aula

O professor(a), que quer ter uma prática educacional pedagógica que fuja ao tradicional, precisa levar em consideração um fator de extrema importância: o que seus alunos trazem de contribuição e observação a partir do que aprendem ou não aprendem em sala de aula e nos espaços de educação. O que os alunos trazem para dentro da sala de aula, está baseado em sua visão e experiência de mundo, em suas vivências que embora sejam poucas, tem muito a dizer de cada um em suas particularidades. Nem todos os alunos têm a mesma visão de fatos o que deixa em evidência a diferença social e de núcleo familiar de cada um. Muitas vezes, ou quase sempre, um aluno tem mais ou menos interesse por determinada temática, devido aquele assunto permear o seu dia a dia fora da escola.

No processo educacional quando um aluno(a) tem sua fala “abafada” ou vista apenas como um “ruído”, é desconsiderada pelo professor, sejam elas em qualquer etapa educacional, isso pode acarretar num travamento desse aluno(a), haja vista a sua desmotivação ao engajamento de questionar, contar uma história, dar apenas uma opinião, etc.

Há um pensamento dogmático sobre a questão que envolve a fala dos alunos em sala de aula, impera em muitos espaços a filosofia de que o aluno(a), que é calado que, não pergunta, está entendendo tudo, é o mais inteligente em detrimento aos que são mais dados ao ato de falar, de interagir. No período do estágio essa percepção fica bem evidenciada, pois, o que mais o professor(a) em uma sala de aula faz é: pedir silêncio!

Segundo alguns autores como Tunes e Pedroza (2011), desde seu surgimento e no decorrer de vários séculos, a escola reina de forma absoluta, sendo uma organização fortemente conservadora e que vem acompanhando, com timidez, as imensas transformações decorrentes da ciência e da tecnologia, que acontecem na vida. Acentuam ainda que, essa escola, às vezes, atua no engessamento dos alunos a partir de práticas e políticas que desconsideram as demandas trazidas pelos atores principais do processo de ensino e aprendizagem – os ALUNOS. O professor tem papel fundamental, contudo, atua como coadjuvante sendo aquele que vai mediar a aprendizagem. Embora haja novas políticas educacionais é bem verdade que a essência da escola em muitos aspectos permanece inalterada. As autoras afirmam que o chegar à escola pela primeira vez, a criança já encontra toda sua vida preparada, uma rotina que beira a mecanização e a esterilização do pensamento, pois, o aluno não é motivado a pensar e questionar, ele é levado a pensar pelo pensamento do outro.

O seu presente é aquele da soberania do ritual, da disciplina, da repetição, das normas, das avaliações, das hierarquias, do tempo certo. Enfim, um padrão de ser. O seu futuro é o da certificação, do bom sucesso, do lugar social, do trabalho incerto, mas dado como certo. Enfim, um padrão do vira-se. A criança já é de todos sabida: a escola proclama, ruidosamente, quem ela é, quais são suas necessidades, o que deve e o que não deve fazer, o que pode e

o que não pode querer. A escola fala, mas não precisa ouvir. A criança não deve falar, mas somente ouvir: sua vida já lhe foi esculpida. (Tunes e Pedroza 2011). A partir desse comportamento da escola as vozes que deveriam ser vistas como grande contribuição é denominada de: ruído, barulho, falta de comprometimento.

**b. A importância da regência no estágio supervisionado-  
POTENCIALIDADES.**

Existe um momento em que o professor pode “errar” sem comprometer o processo educacional e esse momento é o do estágio, onde é a culminância de práticas docentes aprendidas em sala de aula e que serão validadas na regência. O papel da regência para o professor em formação é único, haja vista que ele se vê e olha como futuro ocupante daquele espaço, o de professor regente.

Ter a oportunidade de estar de uma sala de aula onde o seu papel é fazer com que pessoas, neste caso, os alunos deem atenção ao que está sendo dito, é um grande desafio.

De acordo com Tardif (2002), o estágio supervisionado compõe uma das etapas mais relevantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura e, cumprindo as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a partir do ano de 2006 se constitui numa proposta de estágio supervisionado com o objetivo de oportunizar ao aluno a observação, a pesquisa, o planejamento, a execução e a avaliação de diferentes atividades pedagógicas; uma aproximação da teoria acadêmica com a prática em sala de aula. Assim, o estágio supervisionado vem proporcionar ao docente em formação se apropriar dos instrumentos teóricos, vivenciar teorias e práticas imprescindíveis à execução de suas funções.

Busca-se, por meio do estágio o objetivo de promover a junção da prática com a teoria, promovendo a experiência necessária para o desenvolvimento do futuro professor(a). A oportunidade de estar regendo uma aula traz o fortalecimento de que a escolha pela docência foi acertada, a ampliação dos conhecimentos adquiridos deve ser contínua, a escolha de metodologias ser acertadas e planejadas, além de favorecer uma ampliação cultural e social dos

alunos, devemos afirmar que: o chão da sala de aula é a melhor forma do aluno em formação aprender.

É no estágio que o futuro professor pode: testar, experimentar. É neste momento importante que o professor em formação percebe a realidade da sala de aula, pois às vezes se fantasia muito, cria-se um mundo obscuro da educação, onde as escolas aparecem sem qualquer condição, ou se cria a ilusão que esse professor em formação pode resolver todos os problemas. Neste sentido, o estágio nos permite ter o contato com a diversidade de realidades das escolas.

Existem também os desafios de estar no estágio, de acordo com Tardif (2002), por se tratar de uma vivência nova, e mesmo pelo fato de que anteriormente os espaços de ensino não eram habituados a receber estudantes que vinham de fora para estar num espaço que tinha/tem uma rotina e que o estagiário deve fazer um esforço para inserir-se. Muitas vezes a acolhida não acontece, tanto pelos diretores, funcionários a até mesmo pelos seus “pares” que pode ver nesse um futuro professor, um “concorrente” e não como um futuro colaborador do exercício de mediador do conhecimento.

[...] o Estágio Supervisionado Curricular, juntamente com as disciplinas teóricas desenvolvidas na licenciatura, é um espaço de construções significativas no processo de formação de professores, contribuindo com o fazer profissional do futuro professor. O estágio deve ser visto como uma oportunidade de formação contínua da prática pedagógica (SANTOS, 2005).

Outro fator que podemos destacar do estágio é a ação da supervisão. É essencial nesse momento de formação, termos a presença do professor(as) que estão nos orientando e fazendo suas anotações, para posteriores comentários, acréscimos, não que isso seja um “monitoramento que não te permite experimentar e deslocar”, mas este que está ali para observar, com mais vivências em sala de aula, te mostra possibilidades e caminhos que pela nossa falta de “experiência”, não percebemos. Pimenta, fala sobre essa importância:

É imprescindível, assim, a imersão nos contextos reais de ensino, para vivenciar a prática docente mediada por professores já habilitados, no caso, os orientadores dentro das universidades em parceria com os professores que já atuam nas salas de aula, essa é a maneira mais efetiva de proporcionar aos estagiários um contato com o ambiente em que irão atuar. Pimenta (1999, p.15) e Pereira (2009).

### **c. REFLETINDO A MINHA PRÁTICA NO ESTÁGIO E NA AULA REGENTE**

Início este momento falando do quanto foi importante estar à frente da sala de aula, sendo por um momento a “professora regente”, confesso que nem passava em minha cabeça que era estagiária, mas professora. Percebi o grande desafio que isto significa. E também o quanto gratificante e feliz para aqueles que de fato tem o desejo de ser professor(a), e muito mais nas séries iniciais, pois, o que se planta nos primeiros anos perdura por toda a vida.

Fazendo um breve relato da minha vida acadêmica, confesso que no curso o qual estou me formando não era o que eu “esperava” logo de imediato, levada pelo nome, o escolhi achando que era recheado de “cálculos” matemáticos e ao me deparar com um curso totalmente diferente a primeira reação foi de “rejeição”, mas permaneci, pois afinal de contas era um curso superior de uma instituição federal, e senti-me motivada pelas palavras de uma professora que numa conversa informal disse: \_ Eu vejo em você uma excelente professora e tenho certeza que no decorrer dos anos vais te apaixonar pelo curso. E realmente o curso me conquistou!

O novo sempre traz desconfiança ou dúvidas. Oriunda de uma formação tradicional, embora com atitudes arrojadas como aluna, as estruturas dogmáticas ainda permeavam a minha formação, e o curso despertou em nós um senso crítico de que existem muitas possibilidades de formação e que uma não interfere na outra, ao contrário elas se integram, tivemos professores(as) com práticas tradicionais e outros que passavam bem longe disso, e percebi que as duas são essenciais para a formação docente.

Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. “É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (FÁVERO, 1992, p.65).

O professor deve primeiro não só gostar de dar aula, precisa ser apaixonado pelo que faz e a partir dessa paixão, a cada dia vai procurar formas e meios de tornar as suas aulas atrativas e impactantes e muitas vezes não



precisa de muita coisa, mas de boa vontade, criatividade e dedicação, fazer com que eles se vejam representados nos exemplos que ele faz, nas associações.

É importante que o professor tenha essa preocupação e começo fazendo essa reflexão, não é apenas montar um plano de aula e seguir passo a passo, penso que o plano de aula te norteia, é a sua bússola, para que você possa saber o que vai abordar, os materiais, o tempo. Contudo esse plano não pode podar o que vai acontecer na sala de aula durante a execução. O professor precisa ter isso bem definido.

A segunda reflexão que trago é sobre o estudar: teve um momento em que na aula passei uma informação que não foi checada a fundo e estava equivocada. As crianças aprendem muito bem e se o professor não tiver tudo checado, organizado, ele pode contribuir para que certos conceitos, informações sejam passados de forma errada. O professor tem que ter em mente que ele é um eterno aluno(a).

A terceira reflexão que trago é sobre ouvir as vozes que ecoam da sala de aula, no caso não é somente a do professor (a), mas as das crianças. Elas são muito criativas, observadoras, perspicazes, tem grande imaginação, trazem assuntos tão ricos e, sem saber, trazem temas transversais e interdisciplinares com suas perguntas e colocações. Seria interessante ter no currículo escolar temas que os próprios alunos escolhessem para estudar, acredito que muitos de nós professores (e eu até já me vejo como tal), teríamos que voltar às aulas para aprender pois com toda a certeza, seriam coisas que não dominamos.

Para Paulo Freire (1987), a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. Trazer um tema que parecia ser estante mas que foi se tornando potente no decorrer da aula, foi enriquecedor tanto para os alunos quanto para a estagiária, fez-se nítido que o professor que fica preso somente ao plano de aula, pode ter problemas em sua prática didática, ele tem que estar ciente que as potencialidades vão surgir, que deve estar com um olhar sensível ao que o aluno(a) traz para dentro da sala de aula, nada deve ser descartado ou desvalorizado, muitas vezes o que é tido

como menor vem a ser algo grandioso se for explorado e desenvolvido dentro desse aluno de forma correta.

Fazendo uma relação com prática da professora regente da turma acredito que pela sua larga experiência ela tem um controle melhor da turma, houve momentos de muita agitação, essas condutas nas aulas diárias são advertidas com vigor, mas se entende que é pelo fato da professora estar com a turma desde o primeiro ano, em outras situações em que os alunos possam dispersar por assuntos paralelos ou por brincadeiras, a professora regente separa, muda de lugar e isto também é vivencial e vem de tempos de experiência. A professora regente de fato tem um domínio muito bom da turma, e isso vem do seu envolvimento não apenas dentro, mas fora da sala de aula.

## **V. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ter a oportunidade de passar pelo estágio supervisionado e ser monitorada, só me trouxe benefícios. Essas experiências permitiram a constatação de que as teorias estudadas nas salas de aula da universidade divergem bastante da prática observada nas salas de aula da escola, além de propiciar o primeiro contato com o campo de atuação do professor, para que se possa acostumar com os problemas presentes na educação brasileira e propor soluções para os mesmos, baseado no que é estudado na universidade.

Sobre o que tratei em minha aula, acredito que traria não apenas os vídeos e imagens, mas os levaria para ter contato com o lado de fora da sala e mostraria onde os microrganismos se fazem presentes ali pertinho deles, na hora de lanche, de brincar de fazer educação física, exploraria mais o lúdico, fazendo uma peça ou dando um tema para eles encenarem, que conversassem com pequenos seres, ou quem sabe, pediria a eles que criassem algo que se relacionasse mesmo que indiretamente com o que aprenderam.

Isso eu percebi ao findar a aula que o professor sempre tem que sentir essa incompletude, foi até interessante ao final quando a professora regente perguntou: Gostaram da aula? E uma aluna disse: \_ Tia a Senhora é a melhor professora; e outro: \_ Tia vem de novo dar aula pra gente. Isso me fez perceber

que eu estou no caminho certo. Contudo, é um caminho infinito de conhecimento, de crescimento.

A mudança que o professor precisa fazer na sala de aula não advém somente dos recursos que esse professor pode ter ao seu dispor, mas da superação de uma postura que deixe de se ver como detentor do conhecimento e passe a deixar nos alunos o desejo pela aprendizagem, o desejo de acreditarem que podem, pelo estudo, conseguir o que desejam.

## **VI. REFERENCIAIS TEÓRICOS.**

AMABILE, T. Within you, without you: The social psychology of creativity, and beyond. Em M. A. Runco & R. S. Albert (Eds.), Theories of creativity. Newbury Park, CA: Sage, 1990, p. 61-91.

ALVES, Rubem. Proponho que sejamos Professores de espantos. <http://pluraeducacional.com.br/?p=849> em 16 de dezembro 2019.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. IN: Barbosa (coord.) Multi-referencialidade nas ciências e na educação. São Carlos, SP: Ed. UFSCar. 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares: ensino médio. Secretária de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC-SEMT, 1999.

DE la TORRE, S. Dialogando com a criatividade. Trad. Cristina Mendes Rodríguez. São Paulo: Madras, 2005.

FAZENDA, Ivani C, A.; SEVERINO, Antonio J. (Org). Conhecimento, pesquisa e educação, Campinas :Papirus , 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1979

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda (org.) Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992.

Freire P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra; 2011.144p.

GALLO, Sívio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

GALIAZZI, Maria do Carmo; ROCHA, Jusseli Maria de Barros; SCHMITZ, Luiz Carlos; SOUZA, Moacir Langoni de; GIESTA, Sérgio; GONÇALVES, Fábio Peres. Objetivos das atividades experimentais no ensino médio: a pesquisa coletiva como modo de formação de professores de ciências. *Ciência & Educação*, n. 7, v. 2, p. 249-263, 2001.

GALIAZZI, M. do C.; LINDEMANN, H.O diário de estágio: da reflexão pela escrita para a aprendizagem sobre ser professor. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 135-150, 2003.

GARCÍA, C.M. Formação de professores: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

LÜCK, Heloisa. *Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999. Não paginado.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores – unidade teoria e prática?* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Helena Maria dos. O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares, In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, GT 8- Formação de Professores, 2005, Caxambu. Não paginado

SOMMERMAN, A. *Inter ou transdisciplinaridade: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre saberes*. São Paulo: Paulus, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TUNES, E. (2011). É necessária a crítica radical à escola? In: Tunes, Elizabeth (Org.). *Sem escola Sem Documento*. Rio de Janeiro: E-Papers, p.9-14.

TUNES, E. e PEDROZA, L. P. (2011) O silêncio ou a profanação do outro. In: Tunes, E. (Org.) *Sem Escola, sem documento*. Rio de Janeiro: E-Papers. p. 15-29.

RUNCO, M. *Personal Creativity: definition and developmental issues*. In: *Creativity from childhood through adulthood: the developmental issues*. Jossey-bass Publishers, 1996.

VIGOTSKY, L. S.; COLE, M. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.